

Sons Mentirosos Misteriosos

Sofia Dias & Vítor Roriz

Como surgiu a possibilidade de dedicar uma criação à infância? Que estratégias escolheram para abordar um público com o qual ainda não tinham trabalhado?

“Sons mentirosos misteriosos” é a primeira peça que fazemos a pensar nas crianças. E não seria uma inconflidência assumir que foi feita, sobretudo, a pensar no nosso filho. Queríamos, por isso, que esta fosse uma peça coerente com a forma como nos relacionamos com ele, que não subestimasse a sua imaginação e inteligência e que estimulasse a sua curiosidade pelo movimento, pela dança, pela abstracção. ¶ Um olhar mais atento à infância, permitiu-nos constatar que muitos dos estados de presença e materiais coreográficos dos nossos projectos são tangenciais ao modo como as crianças se relacionam com o seu contexto. As tentativas de desvio de um tempo linear, a alternância entre o concreto e o abstracto, o modo como lidamos com as ideias de simultaneidade e multiplicidade procurando uma relação não hierárquica entre movimento, voz, palavra e objectos são fortes direcções da nossa pesquisa, mas também parecem intrínsecas às crianças na sua interacção com o mundo. ¶ Por isso, neste novo projecto, mais do que adaptar os nossos modos de pesquisa e composição ao universo das crianças, parece-nos mais útil continuar a experimentação focando nas características que nos aproximam dele: a liberdade de saltar de uma coisa para outra, a capacidade de transformar o concreto em algo mágico pela “intensidade” do olhar e, sobretudo, o modo de convocar questões simultaneamente metafísicas, ontológicas, estéticas, banais e quase sempre imprevisíveis.

Para Sons Mentirosos Misteriosos recorreram a referências como o filme *The Very Eye of Night* de Maya Deren, ou a personagem *Esseintes – um colecionador de flores falsas*¹. Que importância têm materiais artísticos de outras áreas disciplinares no vosso trabalho?

“Sons mentirosos misteriosos” é uma peça onde o som funciona como uma rede onde assentam todos os outros elementos do espectáculo. É o som que conduz a acção, que induz a sensação de mistério e tensão, que por vezes nos manipula e “mente” sem nos darmos conta. Foi esta ideia de um som mentiroso que nos levou à colaboração com um artista Foley. No cinema, o artista Foley trabalha na pós-produção de som, recriando os sons que estavam mal gravados ou ausentes do registo in situ. Parecem tão reais essas recriações que dificilmente reparamos que o som de um pássaro a voar pode ter sido feito por um par de luvas agitadas ritmicamente pelas mãos de um Foley numa sincronia perfeita com a imagem. Algumas destas técnicas foram generosamente partilhadas connosco pelo artista Foley Nuno Bento, o que nos permitiu pesquisar a relação de interdependência entre o som e o movimento, desafiando a percepção do espaço e do tempo. ¶ Para a nossa geração, nascida na década de 80, era comum vermos no canal 2, da RTP, uma série de “estranhas”, mas fascinantes, animações que agora sabemos identificar como pertencentes ou decorrentes do cinema experimental dos anos 70 e 60 (e até de décadas anteriores). Apesar da dificuldade em nos lembrarmos das animações em particular, conseguimos reconhecer quais eram as características que nos fascinavam. Uma delas era o carácter abstracto, que contrastava com tudo o que víamos regularmente e que apelava a um outro tipo de percepção e sensibilidade

Face a criações anteriores, que novas lógicas de composição este projecto se propõe a explorar?

Fomos construindo uma peça coreográfica onde o movimento e o gesto sugerem diferentes relações entre os intérpretes, entrecruzando-se o reconhecível com o estranho numa ambiguidade permeável à subjectividade de cada observador. Para nós, a abstracção é essencial por apelar à capacidade das crianças tecerem mundos a partir de elementos aparentemente incompletos, inconclusivos e contrastantes. Sabemos como a abstracção estimula o que cada um de nós pode ver de diferente e gostaríamos que esta peça proporcionasse esse espaço de invenção. ¶ A par de uma boa dose de abstracção também queríamos um espectáculo acolhedor, calmo e dócil. Não só como contraponto à velocidade, ao excesso de estímulos e ao cinismo

How did the possibility of dedicating a piece to childhood come up? What strategies did you choose for addressing a public you hadn't yet worked with?

“Sons mentirosos misteriosos” (*Mysterious Lying Sounds*) is the first piece we did with children in mind. And I don't think it's any secret that we mostly did it thinking of our son. Therefore, we wanted it to be aligned with the way we relate to him, we didn't want to underestimate his imagination and intelligence, and wanted it to stimulate his curiosity for movement, dance and abstraction. ¶ A more attentive look at childhood allowed us to discover that many of our projects' states of presence and choreographic material are tangential to the way children relate to their context. The attempts at deviating from a linear timeline, alternating between the concrete and the abstract, the way we deal with the ideas of simultaneity and multiplicity, seeking a non-hierarchical relationship between movement, voice, words and objects, are strong directions in our research, but also seem to be intrinsic to children in their interaction with the world. ¶ Because of that, this new project, beyond adapting our research and composition methods to the world of children, seems more useful when focusing on the characteristics which bring us closer to it: the freedom to jump from one thing to the other, the capacity to transform the concrete into something magical through the intensity of the gaze and, above all, the way of invoking metaphysical, ontological, aesthetic, banal and almost always unpredictable questions simultaneously.

For Sons Mentirosos Misteriosos you reference the film *The Very Eye of Night* by Maya Deren and the character of *Esseintes – a collector of fake flowers*¹. What importance does artistic material from other disciplines have in your work?

“Sons mentirosos misteriosos” is a piece in which sound functions as a net which supports all the other elements of the show. It's the sound that drives the action, that induces the sensation of mystery and tension, and at times manipulates us and “lies” without us noticing. It was this idea of a mysterious sound that led us to collaborate with a Foley artist. In cinema, the Foley artist works in sound post-production, recreating the sounds that were badly recorded or absent from the in situ recording. These recreations seem so real, that it would be difficult to tell that the sound of a bird flying could have been made by a pair of gloves rhythmically shaken by the hands of the Foley in perfect synchronicity with the image. Some of these techniques were generously shared with us by the Foley artist Nuno Bento, which allowed us to research the interdependent relationship between sound and movement, challenging the perception of time and space. ¶ In our generation, in the 80s, it was common to watch a series of “strange” but fascinating cartoons, which we now know were from the experimental cinema of the 70s and 60s (and even the decades before that) on RTP channel 2 (Portuguese television channel). Despite not being able to remember the specific cartoons, we can recognize which characteristics fascinated us. One of these was the abstract character, which was in contrast to everything we watched regularly, and appealed to another type of perception and sensibility.

With regards to previous creations, what new compositional logistics did this project want to explore?

Over time, we created a choreographic piece in which movement and gesture suggest different relationships between the performers, interweaving the recognizable with the strange; an ambiguity which is permeable by the subjectivity of each observer. To us, abstraction is essential for appealing to children's capacity to weave worlds from elements which are apparently incomplete, inconclusive and contrasting. We know how abstraction can stimulate what each one of us sees differently, and we'd like this piece to enable a space for invention. In addition to a good dose of abstraction, we also wanted a welcoming, calm and gentle show. Not only as a counterpoint to speed, excessive stimulation and cynicism (which is an increasingly prevalent style), but also because gentleness and tenderness are qualities we relearn in relationship with

Sons Mentirosos Misteriosos

Sofia Dias & Vítor Roriz

(que é uma figura de estilo cada vez mais prevalecente), mas também porque a docilidade e a ternura, são qualidades que reaprendemos na relação com as crianças e que nos parecem cada vez mais necessárias. ¶ “Sons mentirosos misteriosos” é uma peça onde a imaginação tem muito por onde se intrometer: prolongando os gestos dos intérpretes, ligando esses gestos às flutuações da música, animando a série de desenhos feitos pela Catarina Dias e até procurando ver uma criatura invisível apenas denunciada não só pelo som como também pela luz feita pelo Nuno Borda de Água. A peça tem ainda alguns elementos absurdos, porque o absurdo é uma constante na nossa vida, e outros que fomos repescar às nossas próprias memórias de infância. Poderíamos construir várias narrativas juntando esses elementos mas fomos resistindo a esse ordenamento e dispusemos os materiais numa lógica associativa de formas, cores, sons e dinâmicas.

children, and seem to us increasingly necessary. ¶ “Sons mentirosos misteriosos” is a piece into which the imagination can intrude in many ways: prolonging the performers’ gestures, connecting those gestures to the fluctuations in the music, animating a series of drawings made by Catarina Dias, and even looking for an invisible creature insinuated not only by the sound, but the lighting by Nuno Borda de Água. The piece also has some absurd elements, because the absurd is a constant in our life, and other things we went in search of in our own childhood memories. We could build several narratives joining those elements together, but we kept resisting that order, and instead arranged those materials in an associative logic of forms, colors, sounds and dynamics.

¹ Character from the book *À Rebours* by Joris Karl-Huysmans

¹ Personagem do livro *À Rebours* de Joris Karl-Huysmans

Sofia Dias & Vítor Roriz

São coreógrafos e bailarinos a colaborar desde 2006 na pesquisa e conceção de vários espetáculos, performances e instalações apresentados em mais de 17 países. Tendo por base o movimento e o gesto, Sofia e Vítor têm alargado a sua pesquisa à natureza dúctil da palavra dita, cantada e escrita, cruzando diferentes formatos de apresentação, numa tentativa de questionamento dos limites da linguagem e da representação. O interesse crescente da dupla por formas de partilha e reflexão entre pares levou-os à organização, desde 2012, de várias residências e encontros entre artistas, dos quais destacam *Aware* no contexto do Festival Alkantara. Lecionam regularmente aulas e workshops em Portugal e no estrangeiro. Foram os curadores da segunda edição do PACAP – Programa Avançado de Criação em Artes Performativas, do Fórum Dança (2018/2019). Enquanto dupla, têm colaborado com diversos artistas, tais como, Catarina Dias, Lara Torres, Gonçalo Waddington, Carla Maciel, Marco Martins, Clara Andermatt, Mark Tompkins e Tiago Rodrigues.

Sofia Dias & Vítor Roriz

Sofia Dias & Vítor Roriz are a pair of choreographers and dancers who collaborates since 2006 in the research and creation of various performances presented in more than 17 countries. Since the beginning of their collaboration, they have had the support of several Portuguese cultural structures, of which stand out the Bomba Suicida (2006-2009), O Espaço do Tempo (associated artists 2009-2016) and Materiais Diversos (associated artists 2012-2016). They have had the support of some European networks, such as Looping, TRANSFER, Open Latitudes, Modul Dance, ONDA and Départs. His show “Um gesto que não passa de uma ameaça” from 2011 was awarded the European prize for emerging Choreography - Jardin d’Europe and won the first place at Aerowaves Spring Forward, 2013. As a duo they collaborated with several artists such as Catarina Dias, Lara Torres, Marco Martins, Clara Andermatt, Mark Tompkins and since 2014 they present António and Cleópatra by Tiago Rodrigues and Sopro (2017) by the same director. They regularly teach classes and workshops and organize residencies and reflection meetings between artists in different contexts. They were the curators of the second edition of PACAP - Advanced Program of Creation in Performing Arts, Forum Dança (2018/2019).